

03a 0062-50

2. O ultimo "journal"
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre o "journal" de Cride
5. Porto Alegre
6. 31 de Outubro de 1950
7. número 25
8. Seção - Editoriais Colaborações
9. Bom
10. Amélia Ester
11. 31 de Maio de 1994

## O ULTIMO "JOURNAL"

(Especial para o "Correio do Povo")

Reynaldo Moura

Sim, tudo isso poderá desaparecer, todo esse esforço de cultura que nós achamos admiravel. Assim, nesta aceleração de catastrofe, neste rolar para o caos, bem cedo não haverá mais multidões que sintam necessidade de todos esses valores que parecem. Talvez amanhã já não possa haver mais publico para compreender e sentir a sua necessidade, nem mesmo para perceber que já não compreendemos o que significa a sua ausencia num mundo condenado ao desespero.

A guerra começa. E na primeira página de seu jornal de 1939, a inquietação de Cride escrevia as linhas iniciais de seu depoimento. Levando no corpo a sedimentação de mais de oitenta anos, o escritor estava isolado na Africa do Norte. De longe sentia a devastação que avançava sobre o seu mundo. Não desejava, naturalmente, tornar esse sentimento explicito, mas bem no fundo

Já não experimentava a mesma sensação de tranquilidade e segurança das épocas extintas quando sob a pressão de seu espírito havia o solo firme de uma audiência universal, o calor de um vasto aplauso que se desenvolvia em torno de seu crepúsculo num testemunho consolador.

Através de tantos anos de silêncio levava a cabo seu esforço de criação, que agora qualquer cegueira nesse mundo, por onde andaré semeando a vida de seu espírito poderia representar um sentimento de fracasso amargamente irremediável. Se a guerra erguesse bem alto a onda de seu maremoto, e as formas do mundo capazes de conter o essencial da cultura acabassem por ser destruídas, que significação passaria a ter sua existência?... Sem dúvida, numa Europa destruída, o espírito de sua mensagem teria um gosto de morte. Como uma estranha realidade que não se projeta nos espelhos, e não alonga mais nenhuma sombra. Sobre o chão, essa existência superada pelos acontecimentos deixaria de significar aqueles valores de antes, admirados na distância, sentidos no plano da inteligência pelas plateias unânimes como o demorado desdobrar de uma aurora. Aos oitenta anos de idade, quando o passado se desagrega acompanhando o desdobramento geral e deixa de ser um depositário de significação, atuando sobre a hora do presente, o que resta na alma em cinzas do homem deve ser apenas um impulso inconsolável para a morte. Uma necessidade de libertação  
pela fuga, diante da insuportável realidade.

Argélia Tunis, o azul de alguns oasis em certas horas de claridade arenosa adormecendo sobre as palmeiras, o fugitivo

esquecimento de alguns instantes, o habito do deserto, o quarto do hotel às vezes sobre as bombas que estavam proximas, e seu proprio espirito ora reclinado sobre si mesmo, ora absorvendo os